

DOI: 10.46943/IX.CONEDU.2023.GT08.017

INTERVIR, APRIMORAR E AVANÇAR: DESAFIOS NO LETRAMENTO EM LÍNGUA PORTUGUESA E MATEMÁTICA NA ESCOLA MUNICIPAL MANOEL DE PAULA MENEZES LIMA NUMA PERSPECTIVA DE EDUCAÇÃO REINTEGRADORA

MARIE JOLLY NASCIMENTO PINTO

Mestre em Educação pela Universidade San Carlos, Especialista em Educação do Campo do Campus Prof. Alberto Carvalho da UFS, Especialista em Língua Portuguesa e Literatura pela Unicesumar, e em Arte Educação pela Faculdade São Luís de França. Pedagoga pela Unicesumar e Graduada em Letras – Português/Inglês pela (FJAV), mariejollyd@hotmail.com.

ORLANE SANTANA COELHO

Especialista em Avaliação Educacional pela Faculdade do Sertão Centras Francisco Roneuto de Lima (FASEC) em em Educação Ambiental pela niversidade Federal de Sergipe (UFS), Graduada em Geografia pela (FJAV) E em Pedagogia pela Centro Universitário de Araras Dr. Edmundo Ulson, orlane.santana@gmail.com.

RESUMO

Essa proposta versou sobre questões referentes à intervenção e aprimoramento em matemática e língua portuguesa, cujo propósito é reintegrar o aluno no ano em curso, para minimizar as discrepâncias oriundas da Pandemia da Covid-19 na Escola Municipal Manoel de Paula Menezes Lima, localizada no município de Lagarto/SE, numa proposição de letramento e uso de recursos do cotidiano na perspectiva de uma escola com menos desigualdades. A pesquisa partiu da aplicabilidade de oficinas semanais com alunos selecionados por níveis de conhecimento, e posteriormente a verificação dos resultados ao final de três meses. A revisão da literatura seguiu a linha do que pressupõe poder haver mecanismos eficazes que possam superar as dificuldades de aprendizagens dos alunos, e em seguida embasada por autores como Freire (2003), Cagliari (2009), Moretti (2015), Soares (2020) entre outros, visando o processo de evolução dos educandos. A análise em foco dar-se-á por meio da pesquisa *abordagem*

quali- quantitativa de natureza *exploratória* e *descritiva*, que dirige, a verificação pela apreciação dos dados coletados em experiências, para uma educação com equidade.

Palavras-chave: Educação Básica, Educação Pública, Intervenção, Letramento.

ABSTRACT

This proposal dealt with issues relating to intervention and improvement in mathematics and Portuguese language, whose purpose is to reintegrate the student in the current year, to minimize discrepancies arising from the Covid-19 Pandemic at the Manoel de Paula Menezes Lima Municipal School, located in the municipality de Lagarto/SE, in a proposition of literacy and use of everyday resources from the perspective of a school with less inequalities. The research started from the applicability of weekly workshops with students selected by knowledge levels, and subsequently checking the results at the end of three months. The literature review followed the line that presupposes that there may be effective mechanisms that can overcome students' learning difficulties, and was then based on authors such as Freire (2003), Cagliari (2009), Moretti (2015), Soares (2020) among others, aiming at the students' evolution process. The analysis in focus will be carried out through qualitative and quantitative research of an exploratory and descriptive nature, which directs verification through the assessment of data collected in experiences, towards an education with equity.

Keywords: Basic Education, Public Education, Intervention, Literacy.

1 INTRODUÇÃO

A educação é um organismo vivo e em constante processo de evolução, pois, convivemos em meio a diversas possibilidades de mudanças que ocorrem a todo momento e, na dinâmica das transformações sociais, faz-se mister que essa estrutura seja ressignificada para que continue mantendo-se viva e propiciando o despertar de formas nas experiências no e com o mundo que acompanhem as mudanças, mas com compromisso junto à luta pelo enfrentamento das desigualdades, ou seja, aprender é algo complexo e exige interação, contextualização e transformação desse sujeito em um novo ser que se posicione socialmente de forma crítica. “[...]Conhecimento social é construído pela criança a partir de suas ações com (interações) outras pessoas. À medida que as crianças interagem uma com as outras e com adultos elas encontram as oportunidades para a construção do conhecimento social.” (PIAGET, 1997, P. 26 apud NÓBREGA E ANDRADE, 2015, p. 48)

Corroborando e destacando outros pontos, Chiarello enfatiza:

Durante a aprendizagem os sujeitos passam por uma transformação e se tornam um novo sujeito. Visto que a aprendizagem é um processo pelo qual as competências, habilidades, conhecimentos, comportamento ou valores do sujeito são adquiridos ou modificados de acordo com as experiências vividas por ele, sejam resultadas do seu estudo, formação, do raciocínio ou da observação de uma situação. (BARBOSA 2015, p.24 apud CHIARELLO, 2019, p. 105).

Nesse contexto, a aquisição do conhecimento sistematizado tem se tornado ainda igualmente complexo e difícil pois, os alunos estão a cada dia mais sem motivação, estímulo ou desanimados. Segundo Tapia (2015, p. 19) “O aluno está motivado ou desmotivado em função do significado que tem para ele o trabalho escolar, ou seja, o seu interesse irá variar de acordo com as condições que esse ambiente oferece”.

Vale salientar que muitos indivíduos frequentam as escolas, não para aprender, desbravar, ou agregar conhecimento científico, mas para suprir algumas questões socioeconômicas como, merenda escolar e auxílios financeiros governamentais, em virtude da carência financeira por parte das famílias. Desse modo Sposati (2010) aponta:

No campo da educação, muito se pode reconhecer como medidas de equidade em busca da igualdade. Mais anos de estudo estão associados a melhores condições de trabalho, melhores condições de vida, melhores posições sociais. Ocorre que o acesso à educação tem sido, historicamente no Brasil, privilégio dos mais ricos face aos mais pobres, dos meninos às meninas - quadro este em superação pelos últimos dados estatísticos - e, dos brancos aos negros. Medidas para superar essas iniquidades têm sido denominadas de discriminação positiva, isto é, modos de favorecer o acesso à educação aos que historicamente têm sido discriminados. (SPOSATI, 2010, p.2)

Essa situação é perceptível tanto nos alunos oriundos da periferia da Zona urbana da cidade de Lagarto/SE (Bairro Aldemar de Carvalho, Bairro Estação, Conjunto João Nogueira, Conjunto Júlia Nogueira e Bairro Matinha), como nos que residem em assentamentos na zona rural (Cheguevara, Tapera do Nico, Antônio Conselheiro, Karl Max e Camilo Torres) no município supracitado.

Um aspecto que causou ainda mais impacto na educação dessas localidades e que abateu o mundo inteiro foi a Pandemia da Covid-19. O início da via cruzes educacional se deu em 19 de março de 2020, o MEC alterou o citado documento, pela publicação da Portaria nº345/2020. Em seu art. 1º, esta última Portaria dispõe o seguinte:

Fica autorizada, em caráter excepcional, a substituição das disciplinas presenciais, em andamento, por aulas que utilizem meios e tecnologias de informação e comunicação, por instituição de educação superior integrante do sistema federal de ensino, de que trata o art. 2º do Decreto nº 9.235, de 15 de dezembro de 2017. (BRASIL, 2020b, n/p.)

Durante esse desastre mundial, a situação ainda ficou pior, no tocante ao processo educacional, uma vez que o conhecimento não conseguiu chegar a todos, não houve uma democratização no processo. O distanciamento social alargou e provocou segregação educacional do aprendiz. A falta dos recursos tecnológicos, o transporte para os pais adquirirem as atividades remotas impressas que as escolas disponibilizavam. Nada foi simples, não foi fácil. Segundo Cordeiro (2020):

É importante afirmar que os desafios são imensos, dentre eles, podemos destacar que as ferramentas remotas precisam ter parâmetros de qualidade, para que tenham maior eficácia, e que as desigualdades de acesso

às tecnologias, são enormes, haja vista que nem todas as crianças têm computador ou tablet conectados à internet. (CORDEIRO, 2020, p. 03).

Outro ponto importante que merece destaque é que nesse período pandêmico, além das dificuldades comum a todos, foi que boa parte do alunado precisava trabalhar para ajudar nos insumos que garantissem a sustentabilidade. Desse modo, a educação ficou num plano distante. A falta de uma família que incentivasse, os espaços físicos inadequados dos lares, descaracterizavam o aprender. Sobre esse fato Melo (2020) aponta que:

Mais do que um problema educacional, o bloqueio do acesso à escola reconfigurou a sociedade, na medida em que tempos e movimentos foram desconstruídos, famílias passaram a coadunarem as responsabilidades do trabalho e da vida dos estudantes em tempos ampliados e em contexto ora da necessidade da manutenção do emprego e da renda, ora no contexto de confinamento em espaços razoavelmente reduzidos, de maneira ao isolamento ser cotidianamente comparado a situações de Guerra. (ARRUDA, 2020 p. 266 apud MELO, 2020 p. 14)

Mediante aos aspectos supracitados é que se verificou a necessidade de realização de um projeto de intervenção e aprimoramento nas linguagens matemática e língua portuguesa, cujo propósito é reintegrar e recompor a aprendizagem de alunos impactados pela pandemia no cenário sergipano. Assim, o cerne desse projeto foi aprimorar os conhecimentos em Língua Portuguesa e Matemática na Escola Municipal Manoel de Paula Menezes Lima – Bairro Aldemar de Carvalho, localizada no município de Lagarto, na Região Centro-Sul do Estado de Sergipe.

Para tanto, embasou-se em uma propositura de letramento fazendo uso de recursos do cotidiano na perspectiva da reintegração e recomposição do aluno junto a unidade de ensino.

Iniciando pela recomposição, trazemos um conceito bem “novo” escrito por Tamiris Almeida, em seu texto publicado na página da Fundação Roberto Marinho, em 12/12/22, que ela se trata de um, “conjunto de estratégias que visam garantir as aprendizagens comprometidas pelo período de distanciamento social, tendo como foco a redução das desigualdades educacionais e o desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e competências adequadas a cada etapa.” (ALMEIDA, 2022, p. 02)

Em tempos de desafios, há necessidades de juntar esforços coletivos para diminuir as demandas que surgiram, é um processo emergencial. O mundo saiu

fora da curva, e com a educação não poderia ser diferente. Para que tais esforços não sejam em vão há de se traçar um plano que contemple premissas que possam ir e estratégias para a recomposição das aprendizagens, que muitas das vezes se confundem com a recuperação. E preciso assinalar, pois a recuperação nada mais é que é a retomada de um conteúdo ou habilidade sobre o qual o aluno não obteve os resultados esperados, ao fim de um processo de ensino-aprendizagem. Na questão da recomposição o conceito transcende, uma vez que visa reaver todo o processo de ensino – aprendizagem.

Mediante as questões colocadas aqui é que não haveria uma recomposição sem pensar na educação integradora que esse educando deveria ter, haja vista ele estar carente desse sentimento de pertencimento no mundo em que ele estava inserido. É fundamental nesse processo haver premissas como Santos (2022) coloca em seu artigo publicado para a Revista Nova Escola, arranjos didáticos, planejamento com foco em diferenciações pedagógicas, avaliações da aprendizagem com caráter formativo e por fim e tão importante quanto os demais, acolhimento para engajamento.

Campos (2022), coordenou a produção do material, incentivado pelo Instituto Natura, coloca um conceito de recomposição que não deixa de apresentar sua complexidade, mas elucida quaisquer dúvidas, ela diz que “é a oportunidade de todos/as estudantes adquirirem habilidades prioritárias a fim de que progridam para os níveis de aprendizagens subsequentes.” (Material Formativo PCR- 2022, p.15)

A coisa não é assim tão simplória, só axiomas não resolveriam um problema dessa natureza, faltava ainda mais, no caso estratégias para colocar em ação todas as singularidades do momento, um currículo prioritário, recursos didáticos- pedagógicos, gestão do tempo, avaliação diagnóstica formativa, formação continuada para os professores, tecnologia educacional, equidade e monitoramento das ações. Ufa!!! Muita coisa? Não! O mínimo.

Fazendo uma ponte entre o passado o presente, Paulo Freire (2010, p.16), já apontava em outrora essas demandas educacionais que não são novas mais ganharam ênfase devido aos danos oriundos da pandemia, o autor ressalta que, [...] “nas condições de verdadeira aprendizagem, os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo.”

No caminho da educação reintegradora, que recompõe o conhecimento, as aprendizagens sobre leitura em todos os vieses, inclusive a de mundo e a das

práticas sociais não poderiam faltar. Assim, Magda Soares (2009, p.19) traz um conceito sobre: “Letramento é, pois, o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter apropriado da escrita.”

Todavia, existem vários conceitos que se confundem e se entrelaçam como o de alfabetização. Seria então o letramento uma alfabetização revestida de uma nova nomenclatura? Não! Resende (2020) fazem uma análise sobre esses conceitos ao refletirem sobre a importância da leitura no processo de alfabetização de crianças:

De acordo com Soares (2018), há elementos essenciais no processo de alfabetização: a escrita e a leitura. Uma criança que aprende a ler nos anos iniciais consegue completar o processo de alfabetização com maior rapidez. Tem-se em mente que uma criança só é completamente alfabetizada se ela é capaz de compreender aquilo que escreve, e essa compreensão vem por meio da leitura e do reconhecimento dos códigos de linguagem. (RESENDE, 2020, p.08)

Ao verificar o que foi colocado pelas autoras, percebe-se que estabelece ainda mais uma confusão sobre letramento. Qual a diferença entre os conceitos? Magda Soares (2007, p. 05) em sua obra, Alfabetização e letramento afirma que, “Entende-se o conceito de letramento de forma mais ampla que o de alfabetização, pois o letramento inclui o domínio das convenções da escrita, mas também o impacto social que dele advém.” A autora ainda afirma que a distinção é menos complexa quando coloca que alfabetiza é ensinar o código alfabético, ou seja, decodificar a escrita, e letrar vai um pouco mais além, é inserir o aluno em vários usos sociais de leitura e escrita. Nessa conjuntura, Soares mostra que:

O uso de habilidades de leitura e escrita para o funcionamento e a participação adequados na sociedade, e para o sucesso pessoal, o letramento é considerado como um responsável por produzir resultados importantes: desenvolvimento cognitivo e econômico, mobilidade social, progresso profissional, cidadania. (SOARES, 2004, p.74)

Na busca da reflexão e entendimento, percebe-se que alfabetização e letramento estão ligados, mas possuem óticas diferentes. Ao passo que são redundantes elas se complementam, e nessa perspectiva é que o projeto se propôs, usar as habilidades de ler, escrever, e numerar para a inclusão das práticas sociais, ou

seja a função social exercidas por esses sujeitos na sociedade reintegrando os estudantes do que lhes foi privado durante a pandemia da Covid-19 e as defasagens de aprendizagens já existentes.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O percurso metodológico do Projeto **Intervir, Aprimorar e Avançar: Desafios no letramento em língua portuguesa e matemática na Escola Municipal Manoel de Paula Menezes Lima numa perspectiva de educação reintegradora**, foi realizado em duas etapas:

1. planejamento e execução do projeto e
2. análise dos resultados.

Para a primeira etapa, partiu-se do pressuposto de que, atualmente, muito se tem discutido sobre as questões que interferiram na aquisição do conhecimento, e a forma como a educação teve que lidar para minimizar os danos causados no período da Pandemia da Covid-19. Ela afetou, principalmente, no desenvolvimento cognitivo, afetivo e social dos alunos, havendo, assim, um misto de fatores que não colaboraram no aprender. À vista disso, compreende-se que, durante a aprendizagem, os indivíduos passam por uma transformação e se tornam um novo sujeito. Dado que a aprendizagem é um processo pelo qual as competências, habilidades, conhecimentos, comportamento ou valores do sujeito são adquiridos.

Partindo dessa circunstância, a execução proposta ocorreu em formato de oficinas pedagógicas. Estas permitiram uma análise da realidade de cada aluno sem a fuga do conteúdo que deve ser abordado, além de permitir o intercâmbio de experiências, em que o saber não se constitui apenas no resultado final do processo de aprendizagem, igualmente presente no processo de construção do conhecimento.

O projeto foi desenvolvido entre os meses de abril a junho de 2022 com os alunos do turno matutino (6º B, 6º C, 7º A, 7º B, 7º C, 8º A, 8º B, 8º C, 9º A, 9º B, e 9º C), perfazendo um total de 315 alunos, sendo que 111 destes são oriundos do Campo de Assentamentos, portanto com visões diferentes, mas com grande influência devido as vivências, um público bastante heterogêneo.

O processo de construção, aplicabilidade e monitoramento do projeto se deu a partir de:

- Levantamento diagnóstico analítico para separar os alunos por nível de conhecimento, a princípio foram feitas observações durante a aplicabilidade de atividades que visavam verificar em que nível aquele aluno se encontrava. Foram leituras orais, leituras dirigidas, exercícios de produção textual, games sobre matemática, situações – problemas que empregavam cálculos, para os professores das áreas de conhecimento específicas, e os demais trabalharam leituras e compreensão textual com objetos de conhecimento que ministravam.
- Reunião com os professores para a identificação dos níveis que os alunos se encontravam a partir das análises dos diagnósticos. Daí buscou-se algo que não “rotulasse” aquele aluno que não estava nivelado de acordo com o ano em que se encontrava, foi quando chegou-se a um consenso que seria realizadas oficinas envolvendo Letramento em Língua Portuguesa e em Matemática, e os alunos foram divididos por níveis que variavam de I – alunos em nível de alfabetização, II aluno em nível básico, III nível intermediário e IV avançado; lembrando que no transcorrer das oficinas eles poderiam passar de fase;
- Produção de trabalhos de maneira que neles o aluno expressasse sua opinião acerca das diversas temáticas do cotidiano e na proposta da Educação do Campo, a ideia era não deixar ninguém fora do processo, e que o aluno se sentisse integrado a escola com sentimento de pertencimento, além, é claro de busca motivá-lo para o despertar da curiosidade e aprender, conhecer, desbravar e ousar.

As oficinas aconteceram três vezes por semana, obedecendo um escalonamento que não utilizasse o horário da mesma disciplina todos os dias. Foram escolhidos os dias de terça, quarta e quinta-feira, e utilizados dos 2º, 3º e 4º horários, desse modo, dias e horários diferentes. Estabeleceu-se que os professores de Língua Portuguesa e Matemática elaborariam os materiais a serem utilizados e dariam uma formação para os demais docentes que ajudaria a aplicabilidade do material confeccionado.

Ao todo foram quatro oficinas de Língua portuguesa e quatro de matemática. Estas foram bastante movimentadas, e dinâmicas. Os alunos eram colocados para trabalhar e expor o que haviam feito. Foi uma espécie de amostra, fazia-se as atividades e eram colocadas para todos, inclusive como tinham chegado aquele resultado

ou a interpretação, produção do que havia sido solicitado. Os alunos tinham um misto de euforia com êxtase, foram momentos bastante produtivos. Sentia-se que aqueles indivíduos estavam experienciando o letramento.

Conforme Magda Soares, em sua obra *Letramento em três tempos*, afirma, (SOARES, 2009, p. 18) "Letramento é, pois, o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever o estado ou a condição que adquire um grupo ou um indivíduo como consequência de ter apropriado da escrita." Ou seja, "o estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita." (SOARES, 2009, p. 41)

E para a matemática não foi diferente, trabalhou-se a alfabetização e letramento, cujo conceito não é tão diferente que o de língua portuguesa:

Compreendo alfabetização matemática portanto, como um fenômeno que trata da compreensão, da interpretação e da comunicação de conteúdos matemáticos ensinados na escola[...] ser alfabetizado em matemática é compreender o que se lê e escreve, o que se compreende a respeito das primeiras noções de lógica, de aritmética e de geometria. Assim a leitura das primeiras ideias de matemática pode fazer parte do contexto de alfabetização. (DANILUK, 2015, p.26)

O letramento em matemática assemelha-se ao de língua portuguesa pois, traz o uso da matemática em práticas sociais, uma vez que as atividades colocadas sugeriam a utilidade da matemática para essa condição. Mas era preciso de um pouco mais, tendo em vistas a dificuldade no campo dos números ser maior, ou seja, numerar. Houve uma tentativa de conectar com uma educação matemática que, "relaciona numeramento a uma ideia mais ampla de letramento, incluindo tanto as práticas sociais quanto as condições do sujeito para se inserir socialmente e atenderão as demandas das práticas perpassando a linguagem escrita." (MORETI, 2015, p. 20)

Havia uma força motriz de reintegrar esse aprendente a escola, reintegrar esse indivíduo na sociedade depois de um longo período de isolamento social, de tentativas muitas vezes fracassadas de ensino remoto.

Os professores labutaram bastante numa busca por se reinventarem como docentes diante o distanciamento social e os sistemas de ensino, no geral. A ideia era reorganizar/ reformular a proposta pedagógica e o novo formato de ensino. Desse modo, tanto rede de ensino, escola, e famílias tentaram se adaptar à esta nova realidade de aprendizagem. Indaga-se como haver aprendizagem durante o

ensino remoto se não houve democratização do aprender no processo? Mas essa é uma história para outra discussão...

Para o desenvolvimento da segunda etapa metodológica, a análise dos resultados seguiu os princípios de uma pesquisa do tipo quali – qualitativa, uma vez que, nesta última pode-se fazer pesquisas de levantamento e usar análises estatísticas descritivas. Já a qualitativa pode-se empregar entrevistas, observações do desenvolvimento das ações, sendo que suas críticas aproximarão do acréscimo de amostras e quadros descritivos das características do grupo de participantes. Esse projeto teve caráter exploratório- descritivo, sobre estas com Gil (2017), ressalva que as pesquisas exploratórias tendem a ser mais flexíveis em seu planejamento, pois ambicionam ressaltar e abranger os mais variados aspectos relativos ao fenômeno estudado pelo pesquisador.

O autor também aponta que as mais comuns são os levantamentos bibliográficos, porém, em algum momento, a maioria das pesquisas científicas passam por uma etapa exploratória, visto que o pesquisador busca familiarizar-se com o fenômeno que pretende estudar. Já as naturezas descritivas normalmente são usadas para estabelecer relações entre construtos ou variáveis nas pesquisas quantitativas.

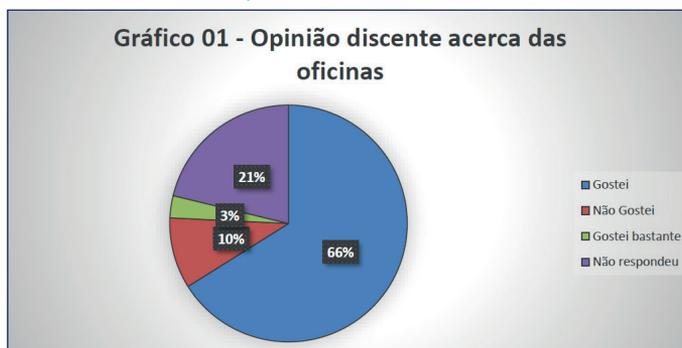
3. RESULTADO E DISCUSSÃO

Retroceder é um processo que acontece muito mais rápido do que recompor ou avançar. Ainda mais quando ocorre um desastre pandêmico mundial, no qual permeou vários aspectos que foram do social, econômico, crise no âmbito da saúde, isolamento social, desgastes mentais dentre outros que atualmente ainda estão eclodindo como sequelas.

Para tentar compreender os impactos do projeto, foi aplicado um questionário com os alunos procurando entender a ótica deles sobre essa intervenção. Dos 315 alunos que participaram desse experimento, 175 responderam. O questionário foi composto por cinco questões objetivas e uma subjetiva, a saber: 1) O que você achou das oficinas de intensificação que ocorreu entre os meses de abril a junho desse ano? 2) Acredita que conseguiu tirar algumas dúvidas sobre os assuntos de português e matemática? 3) Sobre a interação (troca de conhecimentos), entre as turmas, você acha que ajudou? 4) Se tivesse que escolher participar das oficinas nesse formato, você? 5) Você deseja participar de oficinas futuras sobre Português e Matemática? 6) O que você achou mais interessante nas oficinas que participou?

Acerca da questão, os alunos indicaram, em maioria, que gostaram da atividade, conforme evidenciado no gráfico 01.

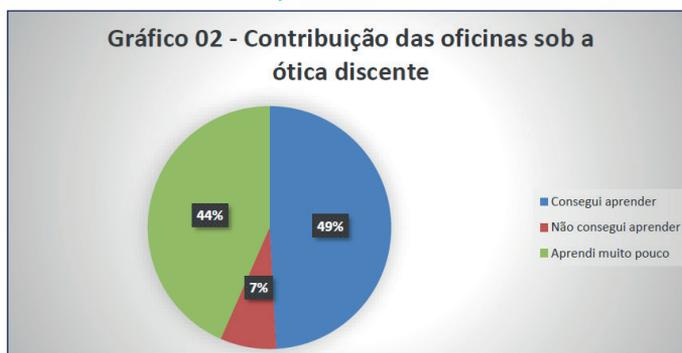
Gráfico 01 - Opinião discente acerca das oficinas



Fonte: Elaboração própria (2023)

Complementando a resposta da questão 01, a questão 02 desvelou que os alunos avaliaram terem aprendido o que foi proposto nas oficinas, como é possível observar no gráfico 02.

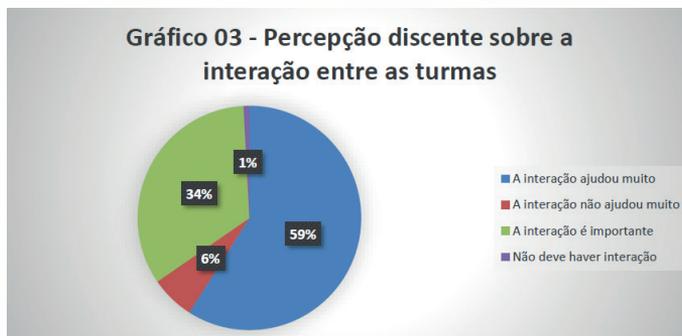
Gráfico 02 - Contribuição das oficinas sob a ótica discente



Fonte: Elaboração própria (2023)

No entanto, apesar de terem gostado das oficinas e de sinalizarem que aprenderam o que foi proposto, uma parcela considerável indicou não gostar da interação entre as turmas que perpassou a atividade, como disposto no gráfico 03.

Gráfico 03 - Percepção discente sobre a interação entre as turmas

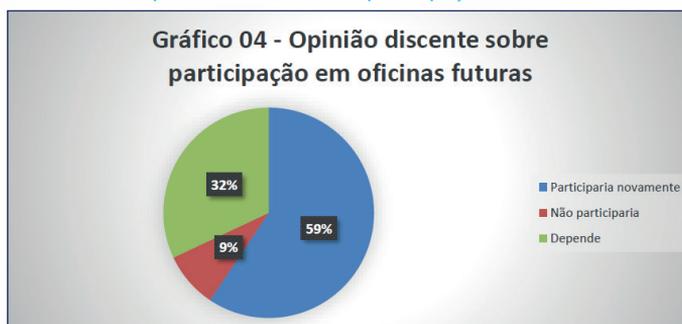


Fonte: *Elaboração própria (2023)*

Acerca da interação, Vygotsky (2001) enfatiza em seus estudos que o sujeito não é apenas ativo, mas interativo, visto que configura os conhecimentos estabelecidos a partir de relações intra e interpessoais. Esse processo de interatividade com outros indivíduos e com si mesmo faz com que aconteça o conhecimento de modo significativo, é por meio dessas funções sociais, que efetua e concretiza a formação de potencialidades, ou seja através do convívio e troca. E, embora parte dos alunos não tenha gostado da proposta de interação, acredita-se que é necessário continuarmos investindo nesse fator.

No entanto, a percepção majoritária dos alunos é de que participariam novamente de ações futuras semelhantes a que ocorreu, como se vê no gráfico 04 que remete às questões 04 e 05.

Gráfico 04 - Opinião discente sobre participação em oficinas futuras



Fonte: *Elaboração própria (2023)*

A última pergunta foi aberta, indagando o que haviam achado de mais interessante nas oficinas em que participaram. As respostas foram diversas, citarei algumas de alunos de todas as turmas:

"A formação dos grupos e a tecnologia."

"Conheci gente nova e fiz novas amizades."

"Que as oficinas tem várias atividades interativas para quem não sabe."

"Para ter mais conhecimento sobre a coisa e melhorar algumas pessoas com essa ajuda."

"Os desafios para responder as perguntas."

"Os assuntos que eu tinha dúvidas, eu consegui tirar algumas."

"Não achei nada interessante."

"Achei legal que ficamos sem 3 aulas de matemática, que não gosto, gosto da troca de turma, e não achei nada interessante."

"Gostei bastante, porque achei legal a interação entre as turmas e a participação que de vez em quando em sala não acontece."

"Achei legal, mas não gostei da troca de turma, pois tive muita briga com os alunos de outra turma, mas se tiver outra eu vou, mas sem trocar a turma."

Sobre esse último questionamento ficou visível o grau de letramento dos alunos, pois ao passo que respondiam positivamente as questões anteriores diziam que não achou nada, ou que nada havia agregado de conhecimento. A mesma situação aconteceu de forma invertida, alunos que vinham respondendo as questões negativamente, ao final diziam que haviam gostado ou que tinham sido interessantes. Assim, percebe-se o grau baixo de compreensão ao se posicionarem frente as questões e a reintegração desses indivíduos. Acerca dessas respostas, Silva (2003), explica que:

Nunca é demais lembrar que a prática da leitura é um princípio de cidadania, ou seja, leitor cidadão, pelas diferentes práticas de leitura, pode ficar sabendo quais são as suas obrigações e também pode defender os seus direitos, além de ficar aberto às conquistas de outros direitos necessárias para uma sociedade justa, democrática e feliz. (SILVA, 2003, p. 24)

Paulo Freire (2003) destaca a importância da leitura e da escrita para se fazer uma estimativa sobre a forma com que estamos no mundo. E aqui não é uma

referência apenas para o universo das letras, mas também reportando e relacionando com o universo dos números. Segundo o autor,

A importância do ato de ler, eu me senti levado - e até gostosamente - a "reler" momentos fundamentais de minha prática, guardados na minha memória, desde as experiências mais remotas de minha infância, de minha adolescência, de minha mocidade, em que a compreensão crítica da importância do ato de ler se veio em mim constituindo. (FREIRE, 2003, p. 11)

Democratizar os saberes é construir um mundo com uma humanidade, mais humanizada. A figura 01, a seguir.

Figura 01 – Ilustração das ferramentas utilizadas nas oficinas



Fonte: Acervo pessoal (2023)

A proposta da escola foi procurar ferramentas que pudessem desenvolver habilidades de uma forma diferenciada, haja vista a precariedade que o sistema educacional se encontrava no pós-pandemia.

As ferramentas utilizadas foram da leitura com viés fonológico, a formação de frases por meio de palavras ou imagens soltas a compreensão, interpretação

e análise de argumentos em textos, tudo utilizando o contexto ou assuntos relacionados ao interesse dos alunos. No tocante ao numeramento e a alfabetização matemática, utilizou-se a leitura numérica (decomposição), resolução de problemas simples, contextualização da geometria no cotidiano e ênfase das operações.

Enfim, o projeto promovido pela escola e desenvolvidos, pelos professores propuseram formas aprendizagem que pudessem garantir aos alunos um ambiente comunicativo e de interação, submergindo no conhecimento do português e matemática no dia a dia do alunado. Essas proposituras são opções para que os alunos contextualizassem com o cotidiano. E, de acordo com a maneira com que são elaborados, podem integrar a leitura e a escrita, além da produção de textos orais. (SANTOS, 2012). Ainda falta muito reduzir os danos e as desigualdades, mas chegaremos lá.

4. TECENDO CONSIDERAÇÕES

Acerca do potencial do projeto, em análise conjunta, pode-se perceber que ele é viável, desde que haja uma parceria entre coordenação, equipe de professores de todas as áreas, mas principalmente dos professores de língua portuguesa e matemática, que ficaram responsáveis pela produção de materiais e oficinas que os demais colegas irão ministrar de acordo com a afinidade de cada um. É fato, que se deve contextualizar mediante a cada realidade encontrada. A soma das forças resulta num produto gratificante para todos os envolvidos, e principalmente o alunado que se percebe como um ser em construção constante.

É possível, é palpável, é realizável, é motivante, é instigante.

O impacto do projeto foi positivo, mesmo o tempo tendo sido reduzido. Houve mudanças para níveis mais avançados das oficinas, além da possibilidade de diagnosticar algumas necessidades que até então não eram percebidas durante a aula. Independentemente do nível de ensino em que estava matriculado, o aluno pode vivenciar de forma inovadora diversos aspectos contextualizados e de grande relevância para sua formação acadêmica.

De fato nada é perfeito ou 100% dos objetivos são alcançados, haja vista a falta do processo de democratização, como também a timidez dos alunos nos processos interativos que não favoreceram. Discrepâncias sempre ocorrem, afinal a clientela já era híbrida, alunos oriundos do campo, alunos da zona urbana em

situações que permeavam o socioeconômico, ou família, enfim, é preciso repensar caso se vislumbre a reaplicabilidade, analisando as forças e as fraquezas do projeto.

Pontos negativos são tão importantes quanto os positivos e não devem ser tomadas como “falha”, ou incapacidade de atingir o objetivo. Precisamos pensar, ou repensar, isso a todo momento, uma das situações é a interatividade, outra o processo de “avanço”. Não existe portanto, uma receita pronta, afinal esse foi um experimento para o pós pandemia com alunos que vinham de realidades diferentes, como os quase 30% oriundos do campo, com ideologias e perspectivas diferenciadas. A questão aqui visa ir mais além que é a redemocratização do conhecimento para a construção de uma humanidade mais humana, desse modo transcender o conceito educacional diante das adversidades.

5. REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Elementos conceituais e metodológicos para definição dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento do ciclo de alfabetização (1º, 2º e 3º anos) do Ensino Fundamental. Brasília, 2012.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular - Educação é a Base**. Brasília, MEC/ CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. **Pró- Letramento. Programa de Professores dos Anos/Séries Iniciais do Ensino fundamental: Alfabetização e Linguagem**. Ed. VER E Ampl incluindo SAEB/ Prova Brasil – matriz de referência. Brasília, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. **Pró- Letramento. Programa de Professores dos Anos/Séries Iniciais do Ensino fundamental: Matemática**. Ed. VER E Ampl incluindo SAEB/ Prova Brasil – matriz de referência. Brasília, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. Gabinete do Ministro. Portaria nº 343, de 17 de março de 2020. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em

meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus – Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, ano 53, p. 39, 18 mar. 2020a.

BRASIL. Ministério da Educação. Gabinete do Ministro. Portaria nº 345, de 19 de março de 2020. Portaria nº 345, de 19 de março de 2020, que altera a Portaria MEC nº 343, de 17 de 2020. COVID -19. março de 2020. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, extra, n. 54 -D, p. 1, 19 mar. 2020b

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo: Scipione, 2009.

CAMPOS, Carolina de Oliveira. Recomposição das aprendizagens em tempos de crise. Vozes da Educação, Jun 2021. Disponível em: https://www.institutonatura.org/wp-content/uploads/2021/08/Levantamento_Internacional___Estrate%CC%81gias_de_Recomposic%CC%A7a%CC%83o_das_Aprendizagens_VF_1.pdf

CHIARELLO, Mariluce Palolazi, **Dificuldades e Transtornos da Aprendizagem**, 2019, Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/psicologia/dificuldades-e-transtornos>, Acesso em: 28/04/2022.

CORDEIRO, Karolina Maria de Araújo. **O impacto da pandemia na educação: A utilização da tecnologia como ferramenta de ensino**. Disponível em <https://dspace.sws.net.br/jspui/bitstream/prefix/1157/1/O%20IMPACTO%20DA%20PANDEMI%20NA%20EDUCA%C3%87%C3%83O%20A%20UTILIZA%C3%87%C3%83O%20DA%20TECNOLOGIA%20COMO%20FERRAMENTA%20DE%20ENSINO.pdf>. Acesso 06 de fevereiro de 2023.

DANYLUK, O. S. **Alfabetização matemática: o cotidiano da vida**. 5. ed. Passo Fundo: Gráfica e Editora UFP, 2015.

EKMAN, P. A **Linguagem das emoções**. São Paulo-SP. 2011.

FICK, C. R. **Modelagem nas ciências e matemática: das ideias às expressões dos estudantes de ensino fundamental**. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Porto Alegre, 2015.

FONSECA, M. C. F. R. **Numeramento**. In: FRADE, I. C. A. S.; VAL, M. G. C.;

BREGUNCI, M. G. C. (Org.). Glossário **Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores**. Belo Horizonte: UFMG/ Faculdade de educação, 2014. p. 235-236.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 41 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

GIL, Carlos, A. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa, 6ª edição**. São Paulo, Atlas, 2017. https://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais15/alfabetica/MendesJackelineRodrigues.htm, 30 de janeiro 2023, 16:40

MELO, I. V. D. (2020). **As consequências da pandemia (covid-19) na rede municipal de ensino: impactos e desafios**, 1, 2423-2446.

NACARATO, A.; MENGALI, B.; PASSOS, C. **A Matemática nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental: tecendo fios do ensinar e do aprender**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

NÓBREGA, Iluskhanny Gomes de Medeiros; Andrade, José Rivamar de, **Uma abordagem sobre as dificuldades da Aprendizagem**, Revista Brasileira de Educação e Saúde - REBES/Pombal- PB, V.5, N. ', P. 46-56, jan-mar, 2015, ISSN- 2358-2391. Disponível em: <https://www.gvaa.com.br/revista/index.php/REBES/article/view/3269/2797>, Acesso em: 27/04/2022.

RESENDE, Maria Aparecida, RESENDE, Tamiris Cristhina. **Análise da importância da leitura no processo de alfabetização na concepção de Magda Soares e Paulo Freire**. Revista Linguagens & Letramentos, Cajazeiras – Paraíba, v. 5, nº 1, Jan-Jun, 2020 ISSN: 2448-4520 | linguagensletramentos@ufcg.edu.br

SANTOS, Boaventura Souza. **A cruel Pedagogia do vírus**. Coimbra: Edições Almedina, 2020.

SANTOS, Glória Moreno dos. **Dificuldade no processo de desenvolvimento da leitura e da escrita nas séries iniciais do ensino fundamental.** 2012. Disponível em: http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4685/1/MD_EDUMTE_I_2012_10.pdf. Acesso em: 6 de jan. de 2023.

SANTOS, Vitor. **O que é recomposição de aprendizagens e como ela acontece no dia a dia das escolas públicas.** Nova Escola, 23/02/22. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/20976/o-que-e-recomposicao-de-aprendizagens-e-como-ela-acontece-no-dia-a-dia-das-escolas-publicas> Acesso em 07/02/2023.

SILVA, E. T. da. **Conhecimento e cidadania:** quando a leitura se impõe como mais necessária ainda? Campinas: Autores Associados, 2003.

SOARES, M. B. **Alfabetização e letramento.** 5. ed. São Paulo: Contexto, 2007

SOARES, Magda. **Letramento e escolarização.** In: RIBERO, Vera Masagão (Org.) **Letramento No Brasil.** São Paulo: Global, 2003.

SOARES, Magda. B. **Letramento: um tema em três gêneros.** 3ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

SPOSATI, A. Equidade, In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. **DICIONÁRIO: trabalho, profissão e condição docente.** Belo Horizonte: UFMG/ Faculdade de Educação, 2010. CDRom. Disponível em: <http://www.gestrado.org/pdf/270.pdf>. Acesso em: 15 de janeiro de 2023.

TAPIA, Alonso Jesus. **A motivação em sala de aula: o que é, e como se faz.** 11 ed. São Paulo: Loyola, 2015.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamento e Linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A construção do pensamento e da linguagem.** São Paulo. Martins Fontes, 2001